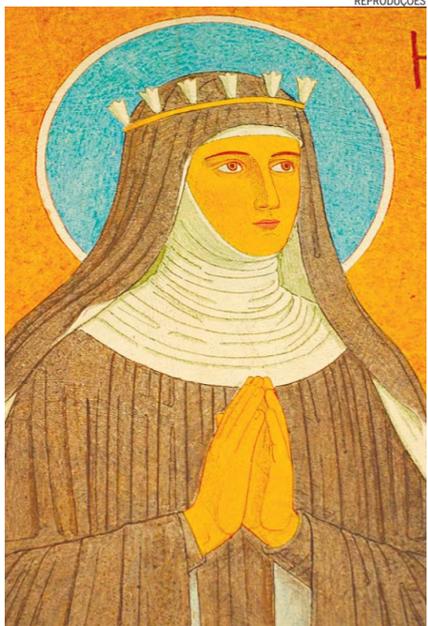


À prova do tempo.

A partir do alto, Hildegard Von Bingen, Margaret Cavendish, Ban Zhao, Sophie Oluwole, Nizia Floresta, Simone de Beauvoir e Mary Wollstonecraft: ideias próprias



Margaret Daughton to Thomas Lucas Esq. of Essex by Willem Willemsz. van Vliet, 1670. Duke of Newcastle



曹大家班惠班志
惠班名昭一名姬博學高才達曹世叔兄國著漢書未及竟而卒和帝詔賜諡而家之數召入宮令皇后諸貴人師事焉號曰大家



PENSAMENTO, ORGULHO E REPARAÇÃO

EDITORAS E ACADEMIA RESGATAM OBRAS DE MULHERES QUE FORAM ESQUECIDAS PELA HISTÓRIA DA FILOSOFIA AO LONGO DE SÉCULOS

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@edglobo.com.br
SÃO PAULO

Quase ninguém se lembra, mas Sócrates, aquele sábio que perambulava por Atenas repetindo perguntas tão inconvenientes que acabou condenado à morte, aprendeu a pensar filosoficamente sobre o amor com uma mulher: a sacerdotisa Diotima de Mantinea. Ele próprio presta homenagem à professora no diálogo “O banquete”, de Platão.

Assim como outras tantas mulheres, Diotima é uma presença incomum nos compêndios de filosofia — e não é raro que pensadoras só deem as caras nos livros escolares quando têm alguma relação com um filósofo homem. Émilie du Châtelet, por exemplo, escreveu sobre a existência de Deus, a origem do conhecimento e o movimento dos corpos, mas ainda é tratada como amante de Voltaire. Arguta pensadora política, Harriet Taylor Mill é apenas “a mulher de John Stuart Mill”, este sim um filósofo da liberdade. E até a célebre Simone de Beauvoir é às vezes mais lembrada por ter sido companheira de Jean-Paul Sartre do que por sua obra filosófica, cada vez mais apreciada.

Mas esse esquecimento (ou preconceito) parece estar chegando ao fim. Se depender de uma fornada de títulos que vem chegando às livrarias, cada vez mais filósofas serão reconhecidas pelos méritos do próprio pensamento — e não por seus vínculos com homens ilustres.

Com lançamento marcado para setembro, “Filósofas: O legado das mulheres na história do pensamento mundial” (Maquinaria Editorial), das professoras de filosofia no Ensino Médio Natasha Hannemann e Fabiana Lessa, perfila dezenas de pensadoras de todos os

cantos do mundo — de Ban Zhao, chinesa que refletiu sobre a ética no século I, passando pela teóloga medieval Hildegarda de Bingen e chegando a brasileiras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Marilena Chaui.

Já “As visionárias” (Todavia), do alemão Wolfram Eilenberger, apresenta as ideias de Ayn Rand, Hannah Arendt, Simone de Beauvoir e Simone Weil. “Dez mulheres filósofas” (Record), do alemão Armin Strohmeier, traz posfácio de Nastassja Pugliese, professora da UFRJ, sobre filósofas do Brasil Colônia e Império, como Emília Freitas e Nizia Floresta. E “As outras constelações” (Relicário) é uma antologia de filósofas do Romantismo alemão, organizada por Fabiano Lemos.

A proliferação de livros sobre filósofas reflete a demanda acadêmica pela diversificação do cânone e valorização das pensadoras.

MACHISMO

O caminho das mulheres na filosofia é árduo. Ainda hoje, é possível concluir um curso de graduação em filosofia sem estudar qualquer pensadora. E, segundo dados compilados, em 2016, por Carolina Araújo, professora da UFRJ, 72% dos estudantes e 88% dos professores de filosofia nas universidades brasileiras são homens.

Fabiana Lessa estudou apenas duas pensadoras na faculdade: Arendt e Beauvoir. Natasha Hannemann e ela ouvem sempre a mesma pergunta dos alunos:

— Professora, existem mulheres filósofas?

Eilenberger, que é autor também de “Tempo de mágicos” (sobre Walter Benjamin, Ernst Cassirer, Martin Heidegger e Ludwig Wittgenstein), estudou na Universidade de Heidelberg, onde Arendt estudou, mas disse ao GLOBO que seus professores estranhariam

se alguém perguntasse por que não era oferecido nenhum um curso sobre a autora de “Origens do totalitarismo”. Para eles, Arendt era apenas “jornalista”, não filósofa; Beauvoir era “a mulher de Sartre”; e a mística Weil, que ele chama de “gigante esquecida do século XX”, só interessava aos teólogos.

Pugliese chegou a ler Beauvoir em uma disciplina de graduação — mas o protagonista era Sartre.

— Na faculdade, colegas me perguntavam por que eu estudava filosofia se nunca seria filósofa. Os professores dizem que não estudávamos filósofas porque as obras delas ou não existiam ou não eram relevantes — diz Pugliese, coordenadora da Cátedra Unesco para a História das Mulheres na Filosofia, Ciências e Cultura, da UFRJ — A História da filosofia que não inclui mulheres é falha e incompleta. Toda antologia filosófica deve conter textos das mulheres que participaram dos círculos intelectuais de cada período. Margaret Cavendish dialogava com Descartes. Leibniz disse que deve a Anne Conway sua teoria das mônadas, centro de seu sistema filosófico. Por que ninguém fala sobre isso?

Talvez porque a História da filosofia não escapava ao machismo. Aristóteles consideravam as mulheres inferiores e inaptas para governar. Rousseau acreditava que a mulher deve “especialmente para agradar os homens” e que as meninas não precisam receber a mesma educação que os meninos — no que foi rebatido pela filósofa Mary Wollstonecraft, autora de “Reivindicação dos direitos da mulher”. Para Nietzsche, a mulher era “propriedade a manter sob sete chaves, como algo destinado a servir”.

CONCEITOS SOBRE A VIDA PRÁTICA, NA PÁGINA 2

OBITUÁRIO • ANNE HECHHE ATRIZ, 53 ANOS

ESTRELA NA TV E NO CINEMA QUE NÃO ESCONDIA O PASSADO

Aos 17 anos, Anne Celeste Heche decidiu sair de casa para ir atrás do sonho de ser atriz. Mais tarde, numa entrevista, disse que precisou de terapia para lidar com “muita morte, muitos abusos e falta de moradia”:

—Passei oito anos tentando ficar em paz com quem eu era e o que havia acontecido comigo quando criança.

Anne nasceu em 25 de maio de 1969, em Ohio, sendo a caçula dos cinco filhos de Nancy Heche e Donald Joseph Heche. Durante sua infância, a família morou em 11 endereços diferentes. Quando adolescente, Anne sofreu abuso do pai, que morreria quando ela tinha 13 anos.

— Nós fingíamos que éramos uma família feliz — disse Anne Heche em 1998. — Foi só quando fomos expulsos de nossa última casa que de repente percebemos que mentiram para nós.

Ela não escondia as tragédias que enfrentou, e foram muitas. Três meses após a morte do pai, um dos irmãos da artista morreu em um acidente de carro. Em 2006, ela ainda perderia outra irmã, vítima de um câncer no cérebro.

Na vida profissional, o caminho foi na direção do sucesso e da fama. Ela ficou conhecida por atuar em séries como “Men in trees”, “Hung”, “Save me”, “Aftermath” e “The Brave”. Nos cinemas, também participou de longas como “Volcano — A fúria”, “Donnie Brasco”, “Jogando com prazer” e “Seis dias, sete noites”, além de ter sete projetos a serem lançados com sua participação — o longa “What remains”, já finalizado, além de mais quatro filmes em fase de pós-produção (“Chasing nightmares”, “Supercell”, “Full ride” e “Wildfire”) e uma série (“The Idol”), com seis episódios. Há ainda uma obra (“Wake”) em fase inicial.

Em 1997, Anne Heche começou a namorar a apresentadora e comediantes Ellen Degeneres. Na época, as duas eram conhecidas na imprensa americana como “o casal lésbico mais famoso do mundo”. A relação durou três anos.

Meses depois da separação, Anne namorou o cameraman Coleman “Coley” Laffoon, com quem se casou e teve um filho, Homer.

A atriz se separou de Coley em 2007 após se apaixonar



Carreira. Anne Heche durante lançamento de filme em Los Angeles

ATRIZ AMERICANA, QUE PARTICIPOU DE FILMES COMO ‘VOLCANO’ E ‘SEIS DIAS, SETE NOITES’, TEVE DECRETADA MORTE CEREBRAL APÓS SOFRER GRAVE ACIDENTE DE CARRO EM LOS ANGELES HÁ UMA SEMANA

por James Tupper, seu colega na série “Men in trees”. Os dois foram morar juntos e tiveram um filho, Atlas. O casal se separou em 2018.

ALTA VELOCIDADE

Anne Heche morreu ontem, aos 53 anos, uma semana após um grave acidente de carro em Los Angeles, no qual sofreu queimaduras e lesão encefálica, e acabou precisando passar por uma cirurgia.

De acordo com o Departamento de Polícia de Los Angeles, o carro da atriz, um Mini Cooper azul, estava em alta velocidade numa rua residencial da cidade na última sexta-feira, por volta das 11h (no horário local), e colidiu com uma casa. A residência foi atingida por um incêndio e acabou destruída.

A polícia chegou a investigar a batida como um crime. De acordo com o site TMZ, que citou fontes policiais, Anne havia usado cocaína e fentanil no dia do acidente.

Segundo os bombeiros que a socorreram, a atriz estava consciente e capaz de conversar antes de ser levada para um centro de trauma. Ela, no entanto, entrou em coma e não acordou mais. Por fim, teve decretada a sua morte cerebral e deverá ter seus órgãos doados, conforme era de sua decisão.

Ellen DeGeneres deixou palavras de conforto às pessoas próximas de Anne. No Twitter, ela escreveu: “Hoje é um dia triste. Estou mandando para os filhos da Anne, família e amigos todo o meu amor.”



Casal famoso. Anne (à direita) e a apresentadora Ellen Degeneres, em 1998

CONTINUAÇÃO DA CAPA

ARTE DE FILOSOFAR TAMBÉM SOBRE A VIDA PRÁTICA

Apesar dos lançamentos recentes, acessar as obras filosóficas de autoria feminina não é fácil. Nomes como a renascentista Christine de Pizan e a nigeriana Sophie Oluwole continuam inéditos no Brasil. A internet, porém, tem ajudado a popularizar as pensadoras. Antes restrita a poucas bibliotecas, a obra de filósofas como Margaret Cavendish está toda on-line. Projetos como a Rede Mulheres Filósofas, a plataforma de cursos As Pensadoras e blogs como Mulheres na Filosofia, da Unicamp, e Uma Filósofa por Mês, da UFSC, também engrossam o coro pela expansão do cânone.

Os autores ouvidos pela re-

OBRAS DE PENSADORAS TÊM SUAS ESPECIFICIDADES E SERVEM DE CONTRAPONTO AO PENSAMENTO ABSTRATO MASCULINO, DIZ ESTUDIOSO

portagem insistem que não há, no pensamento feminino, nada que o distinga, em essência, do masculino. Elas pensam sobre os mesmos temas que eles: Deus, o conhecimento, a liberdade etc. Mastêm su-

as especificidades. Excluídas das universidades por séculos, as mulheres não puderam se dedicar à elaboração de sistemas complexos ou comentários de textos clássicos, mas enveredaram por outros gêneros literários, como o panfleto, o artigo polêmico, o diário e a ficção. Também se interessaram por temas aquém da metafísica, como os direitos das mulheres.

Consequentemente, a muitas delas foi negado o título de filósofa. São muitas vezes chamadas de escritoras, feministas, ativistas políticas.

Nastassja Pugliese argumenta que os interesses supostamente práticos do pensamento feminino de

modo algum o desqualificam. Desde Aristóteles, lembra ela, sabe-se que a filosofia nasce do espanto. E, segundo o panfleto feminista “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, redigido por uma autora anônima e traduzido por Nísia Floresta, a filosofia também nasce do incômodo com os preconceitos do tempo presente. É a partir daí que muitas mulheres começaram a filosofar.

— Namodernidade, a liberdade individual virou tema da filosofia. E as mulheres filósofas argumentaram que, ao contrário do que os homens diziam, a liberdade não

era para todos. Elas não eram livres. As mulheres se atentaram para certos detalhes da discussão sobre a liberdade que os homens ignoravam, como o direito ao divórcio, à renda e à educação — diz Natasha Hannemann.

Ao perfilar suas quatro visões, que pensaram a liberdade ameaçada pelos totalitarismos dos anos 1930, Wolfram Eilenberger desconfiou que há, na filosofia de autoria feminina, certa concretude que diverge da abstração masculina. Filosofar sobre a vida concreta, diz ele, é muito mais difícil do que qualquer investigação sobre a natureza da substância.

— Beauvoir dizia que Sartre era abstrato, queria construir um sistema, enquanto ela era concreta, interessada em fazer observações — afirma ele, que ressalta que nem toda filósofa é uma teórica do feminismo.

— Muitas filósofas se sentem pressionadas a pensar as questões de gênero só porque são mulheres, quando têm outros interesses. Rand, Arendt e Weil não se interessaram por gênero ou sexualidade. Rotular a filosofia feita por mulheres de “feminina” não é bom para ninguém. Seria ótimo se o cânone abrigasse filósofos e filósofas com as mais variadas experiências.

Fabiana Lessa concorda e reforça a importância de jovens mulheres se enxergarem nos livros de filosofia — e até como autoras de obras filosóficas.

— Quando os alunos souberam que estávamos escrevendo um livro, foi uma festa! Até falaram: “Professora, Sócrates nunca escreveu um livro, mas você escreveu!” E não é que é verdade? — conta ela, incapaz de segurar o riso. (Ruan de Sousa Gabriel)